

SOBRE O DUPLO RIOBALDO EM *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*ON THE *DOPPELGÄNGER* RIOBALDO IN *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*Eduarda Regina da Matta (UFPR)¹

RESUMO: O presente artigo tem o intuito de discorrer sobre o duplo existencial que se faz presente na personagem Riobaldo, do romance *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa. Para tanto, será estabelecido um diálogo com outros dois protagonistas de clássicos literários, a saber, Bentinho, do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, e Alberto, de *Aparição*, de Vergílio Ferreira, que apresentam diversas características semelhantes às de Riobaldo, o que, certamente, nos auxiliará no processo de análise.

Palavras-chave: Riobaldo; duplo; Guimarães Rosa.

ABSTRACT: The present article intends to discuss the question of the existential *doppelgänger* presented in the character Riobaldo, in Guimarães Rosa's novel *Grande Sertão: veredas*. In order to do so, a dialogue is established between other literary protagonists, to wit, Bentinho, from Machado de Assis' *Dom Casmurro*, and Alberto, from Vergílio Ferreira's *Aparição*, who present many characteristics resembling Riobaldo's, that certainly will assist us in the examination process.

Keywords: Riobaldo; *doppelgänger*; Guimarães Rosa.

"É, e não é. O senhor ache e não ache. Tudo é e não é... Quase todo mais grave criminoso feroz, sempre é muito bom marido, bom filho, bom pai, e é bom amigo-de-seus-amigos! Sei desses." (ROSA, 2001, p.27).

A voz que costuma nos acompanhar no desenvolvimento dos romances é carregada de estratégias norteadoras de sentido e posição. O que está em discussão nesse trecho retirado de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, não é somente o conflito entre o bem e o mal, como pode parecer à primeira vista, mas também o duplo existencial que se faz presente no narrador deste romance, Riobaldo. A grande questão

¹ Doutoranda, UFPR.

que permeia toda a narrativa é envolvida pela interrogativa da existência ou não do diabo. Isso, logicamente, nos faz refletir, quase que automaticamente, sobre o bem e o mal. Deus é o bem, enquanto o diabo, o mal. No entanto, antes disso, está o conflito interior do personagem-narrador sobre o mundo, sobre a religião, sobre si mesmo. Um duplo em si, que será o objeto de estudo deste artigo, levando em conta a relevância da figura do narrador na obra que está sendo construída.

Entendemos, pois, seguindo a abordagem teórica de Clément Rosset, que “o duplo é sempre intuitivamente compreendido como tendo uma realidade “melhor” do que o próprio sujeito” (1998, p.77). Dessa forma, o conflito interior da personagem Riobaldo propicia a ela o desdobramento de sua personalidade, de modo que “o único duplicado não é mais um objeto ou acontecimento qualquer do mundo exterior, mas sim um homem, quer dizer, o sujeito, o próprio eu.” (Ibid., p.74). Se nas dúvidas levantadas por Riobaldo no decorrer do romance fica definido quem ou o que representam esses outros eus, não cabe analisar. O interesse aqui é o conflito por si só, de modo que se consiga evidenciar os traços dessa duplicidade interior da personagem.

O diabo existe e não existe? Dou o dito. Abrenúncio. Essas melancolias. O senhor vê: existe cachoeira; e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma? Viver é negócio muito perigoso... (ROSA, 2001, p.26)

Como se vê, parece que Riobaldo precisa de uma resposta para a dúvida que carrega dentro de si. O diabo existe ou não? E se realmente existir? Qual a importância disso para o que fez e viveu nesse passado que reconta com tantos detalhes? Sabe-se que só há uma voz no romance, que é a sua. Não há como afirmar se seu ouvinte concorda com as suas colocações, se as questiona ou pensa de outra forma. Temos acesso somente a um ponto de vista. No entanto, esse ponto de vista é, durante toda a narrativa, colocado em xeque pelo próprio narrador, por meio de suas angústias e

inseguranças. De outra forma, sabendo que na história contada por Riobaldo se tem uma narrativa repleta de dúvidas, podemos afirmar que estas, no entanto, não alterariam, nem alteraram, as ações por ele contadas. Se deus existe, se o diabo existe, a narrativa seria a mesma. Então, por que essa questão é tão importante para esse narrador? Estamos diante de mais um duvidoso sentimento de culpa, como um Bento² machadiano ou um Alberto³ vergiliano?

Nos dois romances recém citados, as semelhanças entre seus protagonistas e Riobaldo são claras. Primeiramente, as três obras são escritas em primeira pessoa, com um narrador personagem, que é protagonista de sua narrativa e nela faz um monólogo sobre uma história importante que viveu no passado e que, ainda pelo presente da enunciação, perdura. Durante toda a história recontada, estes protagonistas carregam dúvidas sobre algo ou sobre si mesmos e nos parece que, nos três romances, o duplo existencial destes personagens conflita durante e também fora da história. Para exemplificar, julga-se pertinente discorrer brevemente sobre as obras expostas, de maneira que a relação aqui estabelecida se firme e se evidencie, mesmo que de maneira sucinta.

Em *Dom Casmurro*, o narrador é o próprio protagonista do romance, Bento Santiago, totalmente visível e onipresente. Cabe a este narrador o critério para organizar o material narrativo de dentro da ficção e de fora dela, o que pode ser chamado de “estratégia de embuste”, construída por Machado, que condiciona o leitor a ver o que não é e a não ver o que é. Sendo, portanto, o protagonista o narrador, os leitores ficam presos às suas palavras. Bentinho parece saber tudo, atuando, por vezes, como um narrador onisciente, mesmo que em primeira pessoa, assim como Riobaldo. As confissões de Bentinho são uma versão pessoal de acontecimentos dramáticos, sujeitas a omissões voluntárias ou casuais, deformações em defesa do narrador perante a sua própria consciência. “Talvez a narração me desse a ilusão, e as sombras

² Protagonista do romance *Dom Casmurro* (1999), de Machado de Assis.

³ Protagonista do romance *Aparição* (1971), de Vergílio Ferreira.

viesses perpassar ligeiras, como ao poeta, não o do trem, mas o do Fausto? *Aí vindas outra vez, inquietas sombras...?*” (ASSIS, 1999, p.18). “Leitor, houve aqui um gesto que eu não descrevo por havê-lo inteiramente esquecido, mas crê que foi belo e trágico.” (Ibid., p.234).

É sabido que o referente romance machadiano e o clássico de Rosa discutem temas diferenciados, bem como apresentam técnicas de construção romanescas também distintas. No entanto, o que vale ressaltar, aqui, é a semelhança na constituição do discurso dos seus narradores e, não olvidando o objeto deste artigo, a presença do duplo existencial nas reflexões de seus protagonistas, Bento e Riobaldo. Os dois carregam em si, ao nosso ver, uma angustiante dúvida. Para Bento, esta consiste na traição ou não de sua esposa, Capitu. Para Riobaldo, na existência ou não do demônio. Tais dúvidas, tanto de Riobaldo quanto de Bento, são delineadas, quase que superficialmente, durante toda a narrativa. Elas, no entanto, aparecem no romance para que os narradores obtenham uma resposta de conforto, por assim dizer. Resposta de quem? Do leitor.

O eu que narra o acontecido não está só. Presume que terá algum leitor ou leitora e pressente que esse outro, dotado de “alma sensível”, poderá censurá-lo pelo seu cinismo — palavra forte, mas dita com todas as letras. É deste *outro* imaginado e virtual que vem o juízo ético, mas é o eu narrador que o desentranha e o invoca e obriga-se a escutá-lo e a transmitir-nos a sua voz. (BOSI, 2006, p.11, grifo do autor)

O recurso narrativo citado no trecho e utilizado na construção dos romances em questão tem o intuito de influenciar a visão do leitor. É como se o narrador necessitasse da compaixão, aceitação, concordância da parte do leitor, para sentir-se mais aliviado das consequências ocasionadas por tudo o que viveu no momento narrado. Para Rosset, “O angustiado romântico aparece então [...] como essencialmente duvidando de si mesmo: necessita a todo custo de um testemunho exterior, de algo tangível e visível, para reconciliá-lo consigo mesmo. Sozinho, ele não

é nada.” (1998, p.97). Dessa forma, com a crença do leitor, o narrador se exime de culpa, ou, também, de dúvida.

Serve, para o que digo: eu queria ter remorso; por isso, não tenho. Mas o demônio não existe real. Deus é que deixa se afinar à vontade o instrumento, até que chegue a hora de se dançar. Travessia, Deus no meio. Quando foi que eu tive minha culpa? [...] O senhor me acusa? Defini o alvará do Hermógenes, referi minha má cedência. Mas minha padroeira é a Virgem, por orvalho. Minha vida teve meio-do-caminho? Os morcegos não escolheram de ser tão feios tão frios — bastou só que tivessem escolhido de esvoaçar na sombra da noite e chupar sangue. Deus nunca desmente. O diabo é sem parar. (ROSA, 2001, p.325)

Em *Aparição*, o narrador-personagem Alberto era um professor que iniciou sua carreira profissional em Évora e tinha (ou achava que tinha) a missão de incorporar a morte na plenitude da vida e fazer transparecer o “eu interior” das pessoas ao seu redor. Sua figura como narrador aparece de uma maneira peculiar, pois, narrando a própria história de seu passado, muda sua percepção das coisas, falando de si próprio como se não o fosse, aumentando a distância entre narrador e personagem. O narrador imita a realidade da sua memória que pode já não lhe ser totalmente fiel, dando voz às outras personagens, omitindo ou modificando-a para, talvez, influenciar na visão do leitor, ora invadindo até mesmo o pensamento das colegas do romance.

As semelhanças entre Alberto e Riobaldo se dão, principalmente, no quesito existencialista. Existe uma transformação dos seus *eus* ocorrida em determinado momento do passado contado em cada um dos monólogos. A dúvida, o questionamento e a reflexão estão presentes em todo o romance e a demarcação da transformação desses *eus* é bem evidenciada. Para Alberto, a transformação se dá no momento em que este olha para si mesmo diante de um espelho. Para Riobaldo, no pacto com o demo, mesmo que a existência e realização deste sejam, durante toda a narrativa, colocadas em xeque pelo próprio protagonista.

A ideia de que estes romances dialogam e se aproximam pode ser confirmada, pelos seguintes trechos, entre outros:

Mas no outro dia, assim que me levantei, coloquei-me no sítio donde me vira ao espelho e olhei. Diante de mim estava uma pessoa que me fitava com uma inteira individualidade que vivesse em mim e eu ignorava. Aproximei-me fascinado, olhei de perto. E vi, vi os olhos, a face desse alguém que me habitava, que me era e eu jamais imaginara. Pela primeira vez eu tinha o alarme dessa viva realidade que era eu, desse ser vivo que até então vivera comigo na absoluta indiferença de apenas ser e em que agora descobria qualquer coisa mais, que me excedia e me metia medo. Quantas vezes mais tarde eu repetiria a experiência no desejo de fixar essa aparição fulminante de mim a mim próprio, essa entidade misteriosa que eu era e agora absolutamente se me anunciava. (FERREIRA, 1971, p. 61-64)

Eu estava meio dúbio. Talvez, quem tivesse mais receio daquilo que ia acontecer fosse eu mesmo. Confesso. Eu cá não madruguei em ser corajoso; isto é: coragem em mim era variável. Ah, naqueles tempos eu não sabia, hoje é que sei: que, para a gente se transformar em ruim ou em valentão, ah basta se olhar um minutinho no espelho — caprichando de fazer cara de valentia; ou cara de ruindade! (ROSA, 2001, p.67)

Sabemos que, nos três romances, Bento, Alberto e Riobaldo são velhos homens testando suas memórias, por conta de incertezas e inseguranças do passado que persistem até o momento de suas velhices, para convencer o leitor de alguma opinião, ou, também, para que o leitor lhe dê a resposta quista. Considerando o duplo evidenciado nos trechos acima citados, a questão, agora, é pensar se as dúvidas e angústias desses narradores já existiam no tempo do enunciado, no tempo em que os fatos aconteceram. “Do jeito é que retorço meus dias: repensando. Assentado nesta boa cadeira grandalhona de espreguiçar, que é das de Caririnha. Tenho saquinho de relíquias. Sou um homem ignorante. Gosto de ser. Não é só no escuro que a gente percebe a luzinha dividida? Eu quero ver essas águas, a lume de lua...” (Ibid., p.325).

A partir da leitura dos três romances, o que nos parece é que a vida desses personagens foi apenas vivida, e não pensada. Quanto mais distante se está deste presente-passado contado, mais reflexiva e duvidosa. A dúvida se Capitu traiu ou não se deu durante todo o tempo em que Bento era casado? Talvez, durante o casamento, ele estivesse certo dessa traição e por isso fez o que fez. Só anos mais tarde, refletindo,

pesando, é que pensou na hipótese de apenas se tratar de uma hipótese. O mesmo acontece com Alberto e Riobaldo. A tentativa de Alberto de se “defender” para o leitor foi gerada por consequência de uma longa reflexão, muitos anos após lecionar em Évora. Com Riobaldo, não se pode afirmar se a dúvida constante da realização do pacto era tão presente no passado contado como o é no tempo da enunciação. Assim, seguindo a abordagem de Luiz Costa Lima, podemos afirmar que “tempo e percepção sensível são os traços indispensáveis para a elucidação da lembrança em geral.” (2009, p.130).

Durante todo o livro, os questionamentos de Riobaldo são descritos em tempo presente, como podemos observar com o seguinte trecho: “O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa.” (ROSA, 2001, p.13-14). Riobaldo não “desconfiava” ou “desconfiou” de muita coisa, ele “desconfia”, presente da enunciação. Ou seja, é apenas o tempo que nos possibilita ter uma visão menos nebulosa de nosso passado. Estando a memória preservada, podemos pousar nossos olhos sobre ela e avaliar os episódios vividos com mais clareza e elucidação. E o fato de relembrar para, então, atribuir juízo de valor sobre o fato passado, não é exclusividade de *Grande Sertão*; os outros dois romances citados — *Dom Casmurro* e *Aparição* — têm protagonistas que evocam suas memórias para somente então discorrer sobre determinados fatos passados.

Considerando que a reflexão causadora da dúvida se dá no momento da enunciação, volta-se ao duplo. “O mal ou o bem, estão é em quem faz; não é no efeito que dão.” (Ibid., p.130). Esse duplo presente na personagem se manifesta, e assim é a opinião desse artigo, por meio das convenções, oportunidades, escolhas e perspectivas por Riobaldo adotadas em determinadas situações. Dessa forma, como um exemplo, “já que me obrigo a repetir um eu cujo modelo procuraria em vão, condeno-me a repetir o outro: e este próprio outro que assim glosa é ele mesmo apenas o reflexo de

uma ausência.” (ROSSET, 1998, p.103). E assim, pois, desdobram-se as personalidades e, por assim dizer, identidades. Repare-se no trecho de Guimarães Rosa:

Melhor, se arrepare: pois, num chão, e com igual formato de ramos e folhas, não dá a mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata? Agora, o senhor já viu uma estranhez? A mandioca-doce pode de repente virar azangada — motivos não sei; às vezes se diz que é por replantada no terreno sempre, com mudas seguidas, de manaíbas — vai em amargando, de tanto em tanto, de si mesma toma peçonhas. E, ora veja: a outra, a mandiocabrava, também é que às vezes pode ficar mansa, a esmo, de se comer sem nenhum mal. (ROSA, 2001, p.38)

O duplo está em todas as coisas, todas as pessoas, todos os sentimentos. Basta ter um ponto de vista. Mas o que se levanta, neste momento, é a questão de qual, realmente, é o ponto de vista de Riobaldo sobre essa história que conta. Não se sabe. Só há dúvidas, dúvidas de si mesmo. Dúvidas sobre, de fato, o que o levou a agir de tal forma. E, como dito, a reflexão sobre a ação parece dar-se apenas no momento da enunciação. No entanto, as causas que ocasionaram a ação se dão no tempo do enunciado e estas é que são as balizas da transformação e desenvolvimento de outros *eus*, ou seja, o aparecimento do duplo conflitante. “Estúrdio, isso, nem eu não sabendo. Se fiz de saber, foi pior. O que é que uma pessoa é, assim por detrás dos buracos dos ouvidos e dos olhos? [...] Ah, fiquei de angústias. O medo resiste por si, em muitas formas. Só o que restava para mim, para me espiritar — era eu ser tudo o que fosse para eu ser, no tempo daquelas horas.” (Ibid., p.373).

Riobaldo é o seu eu ou é o seu outro? Quem, de fato, se assume em todo o monólogo de Rosa? Clément Rosset, em *O real e seu duplo*, discorre sobre as possibilidades de busca pelo eu e, conseqüentemente, pelo outro. Para o filósofo, quanto mais se busca algo, mais dele se afasta. Quanto mais se nega, mais se afirma. Dessa forma, “a qualidade que se pretende ocultar ou denegar, por um afastamento de si, é justamente constituída por esta própria distância; distância que contribui, por outro lado, para tornar esta qualidade para sempre invisível aos olhos do seu

possuidor.” (ROSSET, 1998, p.84). E, ainda, “porque ‘ser si próprio’ coincide aqui com ‘considerar-se um outro’; de modo que, pensando criticar a sua dissimulação, critico ele mesmo em pessoa.” (Ibid., p. 86). Riobaldo, quando nos narra o episódio da travessia, mostra-se com grande medo de ser líder, de tomar as decisões que precisariam ser tomadas. No entanto, a questão: ele realmente busca ser um líder? Pensando nessa situação, bem como na ambivalência dos *eus* de Riobaldo, cita-se Rosset: “A fuga e a esquiva se exprimem por um gesto que constitui precisamente, e integralmente, o dano do qual queríamos nos desviar. [...] é querendo a todo custo ser um outro homem que o homem habitualmente se confirma nele mesmo. [...] A falsa segurança é mais do que a aliada da ilusão; ela constitui a sua própria substância e é, no fundo, a ilusão em pessoa.” (1998, p.89-90).

Sendo a ilusão em pessoa, valendo-se do trecho de Rosset, Riobaldo, no entanto, não se afirma de um lado ou de outro. Não se nega, nem se assume. Está sempre no meio termo, duvidando de tudo o que existe e não existe, bem como acreditando em tudo o que existe e não existe, sem, é claro, deixar de contar sua história. Essa indefinição, por assim dizer, lembrou um poema de Olavo Bilac que discorre sobre o ser humano, aquele sem posições ou adjetivos que venham a (des)qualificar sua personalidade:

Não és bom, nem és mau: és triste e humano...
Vives ansiando, em maldições e preces,
Como se a arder no coração tivesses
O tumulto e o clamor de um largo oceano.
Pobre, no bem como no mal padeces;
E rolando num vórtice insano,
Oscilas entre a crença e o desengano,
Entre esperanças e desinteresses.
Capaz de horrores e de ações sublimes,
Não ficas com as virtudes satisfeito,
Nem te arrependes, infeliz, dos crimes:
E no perpétuo ideal que te devora,
Residem juntamente no teu peito
Um demônio que ruga e um deus que chora. (BILAC, 1888.)

O poema de Bilac apresenta um ser humano comum, desprovido de maniqueísmos. Pensa-se que os adjetivos que fortalecem ou enfraquecem, que enobrecem ou ridicularizam, por assim dizer, o ser humano nesse poema, são características quase que exclusivas da ficção. O ser humano livre dos bosques ficcionais é regido pelas oportunidades mundanas e conveniências sociais. Boa parte da ficção apresenta personagens que mantêm, do início ao fim da história, sua personalidade formada e intacta. Fora da ficção, sabe-se que isso é praticamente impossível. Pensando agora em Riobaldo, de *Grande Sertão: Veredas*, pode-se afirmar que se trata de uma personagem que se desloca para fora da ficção. É um ser humano verossímil, se assim pode-se dizer, com as dúvidas e rompantes de personalidade necessários de acordo com a situação que tenha de enfrentar.

O conflito existencial formador do duplo percorrido brevemente neste texto é nada menos que a constituição de um ser humano completo. Completo não no sentido de pronto, formado, cheio. Um ser humano, portanto, repleto de dúvidas, anseios, reflexões e, por consequência, identidades. No romance de Rosa, é uma personagem com todas as não-respostas humanas. Não há mensagem. Não há resposta. É um conflito eterno de Riobaldo com ele mesmo.

Travessia.

REFERÊNCIAS

ASSIS, M. de. *Dom Casmurro*. São Paulo: Editora FTD, 1999.

BILAC, O. Não és bom, nem és mau. In: _____. *Poesias*. 1888. Disponível em: <<http://www.citador.pt/poemas/nao-es-bom-nem-es-mau-olavo-bilac>>. Acesso em: 21 jan. 2014.

BOSI, A. *Brás Cubas em três versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FERREIRA, V. *Aparição*. Lisboa: Portugal Editora, 1971.

LIMA, L. C. *O controle do imaginário e a afirmação do romance*: Dom Quixote, As relações perigosas, Moll Flanders, Tristram Shandy. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ROSA, G. *Grande sertão*: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSSET, C. *O real e seu duplo*: ensaio sobre a ilusão. Tradução de José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM, 1998.

Submetido em: 28/08/2014

Aceito em : 26/10/2014